

## O 25 de Abril e a Escola – O Antes e o Depois

Henrique Silva, AE FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

Com as comemorações do 25 de ABRIL de 1974, do 48.º aniversário, que o País – os poderes públicos e políticos - pretendem sejam o arranque e prenúncio da data redonda – os 50 anos – tem proporcionado trazer para os media um sem número de iniciativas e programas que nos remetem para a memória do ANTES e do DEPOIS daquela que foi, nas palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen em ‘**25 de Abril**’, in “**O Nome das Coisas**” (1977): “... a madrugada que eu esperava (a madrugada que TODOS nós esperávamos) / o dia inicial inteiro e limpo / onde emergimos da noite e do silêncio / e livres habitamos a substância do tempo.” pois que “É tempo de ser tempo dos Professores”, pelo que nos sentimos tentados a discorrer sobre as memórias das conquistas que **Abril** possibilitou.

Das memórias do **antes** e do **depois** não pode ficar no esquecimento a ação e luta sindical, em particular, as dos Professores e, por conseguinte, a da FENPROF e dos sindicatos que a integram.

O “**silêncio calado**” que durante quase 50 anos impediu as pessoas de livremente se manifestarem, que escondia uma pobreza colectiva [desafio que ainda não está completamente ganho], só foi possível atenuar com o acesso “**à escola pública e às políticas que a criação do Estado social**” [cito], por força do 25 de Abril, foram possibilitando.

O acesso à escola e ensino público era muito limitado. Nas sedes de concelho, vilas e aldeias, apenas era assegurado o ensino primário, pois só havia Liceu e Escola Comercial e Industrial nas sedes de distrito, pelo que à época, [permitam-me que fale do meu caso pessoal: acabei por ter de frequentar o Externato Liceal de Figueira de Castelo Rodrigo, depois de me ter sujeitado a fazer a 5ª classe - sim, a quinta classe – e o exame de admissão ao Liceu e à Escola Comercial/Industrial da Guarda, na sede de distrito, para poder prosseguir estudos, o que vim a fazer, como vos digo, no “**Colégio de Figueira**”, como era conhecido o Externato.

Em jeito de reflexão, dizer-vos que acabei por concluir o 7º ano dos Liceus em Figueira – os exames foram feitos no Liceu Nacional da Guarda em Julho e Setembro desse ano de 1974 – e os meus pais pagavam no colégio uma mensalidade de 750\$00 (setecentos e cinquenta escudos), sendo que o meu pai tinha um salário de 1.250\$00 (mil e duzentos e cinquenta escudos) como trabalhador do Grémio da Lavoura, mas que, para sustento da casa, fazia seara, agadanhava, tosquiava, podava, enxertava e fazia outros trabalhos agrícolas para além do horário de trabalho [**nas madrugadas primaveris e estivais e nas tardes que se prolongavam pela noite dentro**] e que a minha mãe fazia limpezas e muitos trabalhos no campo: ceifa, vindima, escava... [**para que o seu filho não ficasse a deitar terra p’ras botas**].

Só tenho de estar GRATO, MUITO GRATO, a meus pais que me permitiram o acesso à educação e à cultura, apesar dos poucos recursos, mas em resultado de muito do seu trabalho.]

Esta conquista de Abril o acesso à EDUCAÇÃO PARA TODOS: obrigatória, universal e gratuita deve-se em larga medida aos sindicatos de professores: aos sindicatos que integram a FENPROF

A escola no período da ditadura fascista era excessiva e fundamentalmente ideológica e elitista. Ideológica na defesa dos valores tradicionais assente na trilogia – DEUS, PÁTRIA e

FAMÍLIA – com salas de aula muito pobres tuteladas pelas figuras do estado – Presidente da República e Presidente do Conselho [Salazar] - e um crucifixo; elitista, pois só alguns dos privilegiados tinham acesso a outros graus de ensino e um reduzidíssimo número à universidade – num processo autorreprodutivo – uma vez que a instrução de massas devia ser básica – 3 anos para as raparigas e 4 anos para os rapazes (isto apenas na década de 50, alargando-se ao género feminino já nos anos 60).

Nos anos 30, um ministro da Educação\* identificou, num jornal, a população escolar desta forma: 8% são “ineducáveis”, 15% são “normais estúpidos” 60% têm inteligência média e só 2% são “notáveis” e que estava sujeita a punições físicas, em particular, os indisciplinados e os “burros”. Meu pai teve a felicidade de ter um professor, Professor Álvaro Rebolho, que, reconhecendo-lhe “muitas capacidades”, lhe ofertou sempre os livros, a fim de que, pelo menos, concluísse a 4ª classe “com distinção”.

Com o advento da primavera marcelista, o ministro Veiga Simão iniciou a reforma do ensino e da educação em Portugal, mas só com o 25 de Abril de 1974, e nas décadas que se seguiram, se consagrou a gratuidade e obrigatoriedade da frequência escolar e o seu alargamento, nos dias de hoje, para 12 anos e a idade de 18 anos, em termos de educação e escola pública.

Esta conquista, considerada uma questão central, ocupou e ocupa um lugar de extrema importância no processo democrático em curso desde o 25 de Abril, transformando radicalmente a conjuntura sociocultural do País e que lhe permitiu a aproximação aos padrões dos países da OCDE.

Esta mudança de paradigma: assunção da educação pré-escolar e educação especial, hoje educação inclusiva, no sector público de ensino; a conceção de novos programas, metodologias e pedagogias; a unificação do ensino; o acesso e permanência na escola de largas centenas de milhares de novos alunos – a massificação do ensino por contraponto à instrução elitista – possibilitou, tem procurado possibilitar, a todas as crianças e jovens em idade escolar a igualdade de oportunidades no acesso e sucesso à/da educação e ensino e a promoção da sua democratização, o que **só foi possível pela acção dos sindicatos dos professores e da FENPROF**. Sabemos que ainda há muito por fazer cumprir. **Cá estaremos para o exigir.**

Daí que esteja grato à FENPROF.

**GRATO À FENPROF herdeira** do Sindicato dos Professores de Portugal, criado em 1911 com o advento da 1ª República, herdeira da Liga Nacional do Professor Primário Português, estabelecido em 1918, e, mais tarde, à União do Professorado Primário Oficial Português que viria a ser extinta em 1927, com perseguições e ameaças de prisão, durante a Ditadura Militar; herdeira dos movimentos criados pelos professores provisórios, no início de 1970, na primavera 6marcelista, a quem não faltou coragem para, em plena ditadura, convidarem colegas de todo o país para uma reunião, no início de 1970, e, formalmente, criarem o que na altura se designou os designados Grupos de Estudos dos Professores Eventuais e Provisórios

**Sindicatos** 

**GRATO À FENPROF constituída** em 1983 e aos sindicatos que a constituem SPN, SPRC, SPGL, SPZS, SPM e SPRA e o SPE que num momento alto de afirmação de unidade, convergência e da combatividade dos docentes portugueses soube e souberam interpretar o sentir e os anseios dos professores, de **TODOS OS PROFESSORES e EDUCADORES E INVESTIGADORES**, do pré-

escolar ao ensino politécnico e universitário, do ensino público ao privado e doméstico. E que continua a fazer jus ao lema: **“A força de estarmos unidos”**.

**GRATO À FENPROF e aos SINDICATOS** que me acolheram: o SPGL nos meus 7 primeiros anos de professor, desde 1980, e o SPRC desde 1987 até hoje. São 42 anos de ensino que estão cumpridos, mas quero continuar a ser PROFESSOR SINDICALIZADO na situação de APOSENTADO porque: **A FENPROF é a ORGANIZAÇÃO sindical que melhor interpreta, representa, valoriza e defende, desde a sua constituição, a ESCOLA PÚBLICA e os PROFESSORES, EDUCADORES e INVESTIGADORES.**

**É a organização mais representativa dos PROFESSORES em PORTUGAL, o garante do espírito e ação crítica, criativa e da democracia na educação, ensino e cultura dos nossos alunos.**

**VIVA a FENPROF !**

**Viva o 14º CONGRESSO DOS PROFESSORES !**

\*Dados recolhidos em informação colocada na internet.